


DO TWINK AO DADDY: ETARISMO E HIERARQUIAS GERACIONAIS NAS SUBCULTURAS GAYS**FROM TWINK TO DADDY: AGEISM AND GENERATIONAL HIERARCHIES IN GAY SUBCULTURES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-001>**Francisco Renato Silva Ferreira**

Mestre em Ensino em Saúde pela UNILEÃO

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE

E-mail: norf20@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>**José Wegino dos Santos Saturnino**

Especialista em Gestão Escolar pela URCA

Vínculo Institucional: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco SEDUC/PE

E-mail: wegino.santos@gmail.comLATTES: <http://lattes.cnpq.br/1330263166812534>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5763-1474>**RESUMO**

Este artigo analisa o etarismo nas subculturas gays, tomando como referência as categorias *twink* e *daddy* para discutir como a idade opera como marcador de visibilidade, exclusão e poder. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se em revisão bibliográfica e análise discursiva de aplicativos de relacionamento e mídias digitais, evidenciando como a juventude é convertida em capital erótico e como a maturidade é, ao mesmo tempo, fetichizada e marginalizada. Os resultados demonstram que o etarismo não pode ser compreendido como mera preferência individual, mas como dispositivo cultural que regula práticas sociais, impacta a autoestima e reforça desigualdades internas na comunidade LGBTQIA+. Ao mesmo tempo, emergem práticas de resistência que valorizam trajetórias intergeracionais e ressignificam o envelhecimento como potência política. Conclui-se que enfrentar o etarismo implica desconstruir padrões normativos de desejo e ampliar espaços de reconhecimento da pluralidade etária.

Palavras-chave: Etarismo; Subculturas gays; Diversidade.

ABSTRACT

This article analyzes ageism within gay subcultures, focusing on the categories *twink* and *daddy* to discuss how age functions as a marker of visibility, exclusion, and power. The qualitative research is based on a bibliographical review and discourse analysis of dating apps and LGBTQIA+ media, revealing how youth is transformed into erotic capital and how maturity is simultaneously fetishized and marginalized. The findings indicate that ageism cannot be understood as a matter of personal preference, but rather as a cultural device that regulates social practices, affects self-esteem, and reinforces internal inequalities within the LGBTQIA+ community. At the same time, forms of resistance emerge, highlighting intergenerational trajectories and re-signifying aging as political strength. It is concluded that addressing ageism requires deconstructing normative standards of desire and expanding spaces that recognize generational plurality.

Keywords: Ageism; Gay subcultures; Diversity.



1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento, embora constitua uma experiência universal e inevitável, é atravessado por representações sociais que variam conforme os contextos culturais, políticos e identitários. No universo gay, em especial, o processo de envelhecer adquire contornos singulares, marcados pela predominância de ideais estéticos que privilegiam a juventude, a masculinidade hegemônica e a performatividade corporal. Dessa forma, a idade não é apenas um marcador cronológico, mas um elemento que regula o acesso a redes de afeto, desejo e pertencimento. Esse fenômeno, denominado **etarismo**, ainda que se manifeste em diferentes segmentos sociais, encontra no mundo gay um terreno fértil para sua reprodução, na medida em que categorias estéticas e identitárias como *twink* e *daddy* estruturam hierarquias geracionais de visibilidade e exclusão.

A comunidade LGBTQIA+ tem historicamente construído formas de resistência frente à heteronormatividade e à homofobia, mas permanece tensionada por contradições internas que reforçam padrões de exclusão. Tal paradoxo revela-se de maneira contundente nas práticas cotidianas em aplicativos de relacionamento, nos discursos midiáticos e nas interações em espaços de sociabilidade, onde prevalece a valorização do corpo jovem e a fetichização da maturidade masculina. Como observa Miskolci (2017, p. 89), em análise sobre os dispositivos digitais de encontro entre homens:

Os aplicativos de pegação não apenas facilitam encontros, mas também organizam mercados de desejo em que determinadas corporalidades são convertidas em capital erótico, enquanto outras são relegadas ao silêncio e à invisibilidade. A juventude e a branquitude tornam-se símbolos de prestígio, ao passo que a velhice, a negritude e a feminilidade permanecem estigmatizadas.

Esse cenário expõe a forma como o etarismo é naturalizado dentro da própria comunidade gay, instaurando fronteiras simbólicas que delimitam quem pode ser considerado desejável. A categoria *twink*, geralmente associada a jovens de até 25 anos, de corpo magro e aparência frágil, representa o ideal da beleza juvenil. Em contraponto, a categoria *daddy* designa homens maduros, geralmente com mais de 40 anos, cuja valorização está atrelada à virilidade, à experiência ou ao poder econômico. Ainda que tais categorias possam fornecer referências de identidade, acabam também cristalizando estereótipos e limitando as possibilidades de afeto e reconhecimento.

A teoria queer, em diálogo com os estudos foucaultianos sobre biopolítica, contribui para a compreensão dessa problemática ao indicar que os corpos não são entidades naturais, mas construções atravessadas por relações de poder. Foucault (1988, p. 139), ao problematizar a sexualidade, afirma que:



Os corpos são investidos por discursos e práticas que os produzem como objetos de saber e instrumentos de controle, constituindo verdades que os sujeitam. Nesse processo, não há neutralidade: há estratégias que distribuem visibilidade e invisibilidade, legitimidade e marginalidade. As formas pelas quais os corpos são capturados por esses dispositivos não ocorrem de modo uniforme, mas revelam mecanismos de poder que classificam, normatizam e regulam a vida social, estabelecendo fronteiras entre o aceitável e o marginal. Assim, aquilo que se apresenta como verdade sobre os corpos é, em última instância, resultado de disputas e estratégias políticas que organizam o campo da experiência.

Assim, o etarismo no mundo gay não pode ser compreendido apenas como preconceito individual, mas como um dispositivo de poder que estrutura modos de ser e de se relacionar. A questão central, portanto, não está apenas em observar que gays mais velhos sofrem exclusão, mas em compreender como as próprias práticas sociais e discursivas organizam hierarquias de desejo que fragilizam a pluralidade etária.

Além disso, torna-se necessário situar o debate sobre etarismo dentro de um contexto interseccional. A idade, isoladamente, não explica as múltiplas formas de exclusão. Raça, classe social, localidade geográfica e performance de gênero compõem variáveis que intensificam ou atenuam os efeitos da discriminação. Sedgwick (2008) já alertava que os estudos sobre sexualidade precisam reconhecer a multiplicidade de opressões que atravessam os sujeitos LGBTQIA+, uma vez que “a identidade nunca se sustenta em um eixo único, mas na confluência de discursos que produzem complexos arranjos de poder e resistência”.

Dessa forma, investigar o etarismo nas subculturas gays não significa apenas compreender como a juventude é hipervalorizada e a maturidade marginalizada, mas também discutir os impactos desse processo na saúde mental, nas relações afetivas e na construção das subjetividades. Mais do que uma questão estética, o etarismo é um obstáculo à vivência plena da diversidade e à constituição de uma comunidade realmente inclusiva, capaz de reconhecer no envelhecimento não um estigma, mas uma dimensão legítima da experiência humana e da história coletiva da população LGBTQIA+.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica constitui o alicerce de qualquer investigação científica, pois é nesse espaço que se estabelecem os diálogos entre o objeto de estudo e os referenciais conceituais que permitem problematizá-lo. No caso da presente pesquisa, que busca compreender as dinâmicas do etarismo nas subculturas gays, faz-se necessário articular diferentes campos do saber — como a história, a sociologia, a psicologia social e os estudos queer — de modo a revelar como categorias etárias e estéticas se consolidam como dispositivos de poder, regulando os modos de existência e de reconhecimento social.

A compreensão do etarismo não pode ser restrita à análise de atitudes individuais ou de preconceitos isolados; ela deve ser situada no campo mais amplo das construções sociais de valor e de exclusão. Nesse



sentido, é possível mobilizar a contribuição foucaultiana acerca dos dispositivos de poder e da biopolítica. Para Foucault (1988, p. 139):

Os corpos não são apenas entidades biológicas, mas superfícies atravessadas por discursos, práticas e saberes que os moldam, classificam e disciplinam. Através desses dispositivos, instauram-se formas sutis de controle e vigilância, que regulam gestos, desejos e modos de ser. Tais mecanismos não atuam de maneira neutra, pois produzem normas que distribuem privilégios e estigmas, legitimando determinadas formas de vida e marginalizando outras. Ao mesmo tempo em que normalizam os corpos, instauram hierarquias simbólicas e políticas, transformando a própria existência em objeto de gestão e governo. Assim, o poder não se impõe apenas de fora, mas infiltra-se na materialidade dos corpos, fazendo deles o ponto de convergência entre a dominação e a resistência.

Ao transpor essa análise para o universo gay, percebe-se que as hierarquias geracionais operam como uma tecnologia de poder que define quem pode ser considerado desejável ou não, instaurando regimes de visibilidade e invisibilidade que atravessam relações afetivas, sexuais e comunitárias.

Outro autor central nesse debate é Judith Butler (2003), que, ao problematizar a performatividade de gênero, evidencia que as identidades são construções repetitivas e normativas, sujeitas a regimes de regulação. A noção de performatividade auxilia a compreender que a juventude, no contexto gay, não é apenas um dado biológico, mas um ideal reiterado em práticas cotidianas, em discursos midiáticos e nas interações digitais. Assim, ser jovem converte-se em uma performance legitimada socialmente, enquanto o envelhecimento é lido como desvio ou falha.

Nesse cenário, a contribuição de Richard Miskolci (2017) é igualmente fundamental, sobretudo quando analisa os aplicativos de relacionamento e sua função na mercantilização do desejo. Segundo o autor, os enunciados que circulam nesses espaços — como “sem idosos”, “apenas jovens” ou “procuro daddy” — são mais do que preferências individuais: configuram práticas discursivas que estruturam mercados afetivos e sexuais. Como afirma Miskolci (2017, p. 112):

Os aplicativos produzem um campo de possibilidades no qual determinados corpos, sobretudo os jovens, brancos e masculinizados, são sistematicamente hipervalorizados, enquanto outros permanecem relegados às margens do desejo e da visibilidade. Esse processo, embora disfarçado de escolha individual, constitui-se como uma tecnologia de poder difusa, capaz de naturalizar preferências e de organizar hierarquias afetivas e sexuais. No interior dessas plataformas, o desejo é formatado por códigos sociais que associam beleza à juventude, virilidade à masculinidade e prestígio à branquitude, reforçando desigualdades históricas que atravessam as relações de gênero e sexualidade. Assim, os aplicativos não apenas refletem valores sociais excludentes, mas os reproduzem e intensificam, transformando o campo erótico em um espaço de legitimação e exclusão contínuas, onde o outro é reduzido a sua aparência e a sua adequação a padrões normativos.

Essas observações reforçam a importância de situar o etarismo como um fenômeno interseccional. A idade, por si só, não explica a exclusão; ela se articula com raça, classe social, corpo e gênero para constituir padrões de desejabilidade e marginalização. Nesse sentido, os estudos de Guacira Lopes Louro



(2018) e Eve Sedgwick (2008) são pertinentes, pois destacam que a sexualidade e o gênero se entrelaçam com múltiplos marcadores sociais da diferença, configurando redes complexas de opressão e resistência.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que as categorias *twink* e *daddy*, centrais nas subculturas gays, não são apenas etiquetas descritivas, mas signos que condensam valores sociais. Enquanto o *twink* representa a valorização da juventude, da leveza corporal e da fragilidade aparente, o *daddy* simboliza a maturidade, a virilidade e, muitas vezes, o poder econômico. Ambas as categorias, ainda que possam servir como identidades de pertencimento, cristalizam hierarquias que delimitam lugares de prestígio e de marginalidade dentro da comunidade.

A teoria queer, ao questionar os regimes normativos que atravessam corpos e desejos, oferece ferramentas críticas para enfrentar essas hierarquias. Paul B. Preciado (2011) argumenta que o corpo é constantemente atravessado por tecnologias políticas e culturais que o moldam como objeto de consumo e de controle. Nessa perspectiva, o etarismo pode ser lido como mais uma dessas tecnologias, que transforma a idade em critério de valor ou de descarte.

Diante disso, torna-se evidente que a compreensão do etarismo nas subculturas gays exige uma abordagem teórica plural, capaz de articular a dimensão histórica, sociológica e política das relações de poder. Mais do que mapear categorias, é preciso revelar as tensões que atravessam essas classificações e seus impactos na vida de sujeitos que, já marginalizados pela heteronormatividade, enfrentam novas formas de exclusão dentro de seus próprios espaços de sociabilidade.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que o fenômeno investigado — o etarismo nas subculturas gays — não pode ser reduzido a dados numéricos ou quantificáveis, mas deve ser apreendido em sua complexidade simbólica, discursiva e social. O qualitativo, nesse sentido, não se limita à descrição, mas visa interpretar os significados que emergem das práticas, narrativas e representações. Como aponta Minayo (2012, p. 21):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, buscando compreender a lógica interna dos sujeitos e das práticas sociais em que estão inseridos. Trata-se de um campo de investigação que se debruça sobre os sentidos das ações humanas, considerando suas contradições, subjetividades e complexidades. Esse conjunto de fenômenos, por sua natureza simbólica e relacional, é entendido como parte da realidade social, que não pode ser captada em fórmulas estatísticas ou reduzida a números, mas requer uma interpretação atenta, sensível, reflexiva e contextualizada. O pesquisador, nesse processo, assume um papel ativo, interpretando significados e articulando-os aos contextos históricos e culturais nos quais emergem, reconhecendo a inseparabilidade entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

A investigação foi construída a partir de duas estratégias principais: a revisão bibliográfica e a análise discursiva. A revisão bibliográfica buscou articular contribuições clássicas e contemporâneas dos



campos da teoria queer, da sociologia da sexualidade e dos estudos de gênero, incluindo autores como Foucault (1988), Butler (2003), Miskolci (2017), Louro (2018) e Preciado (2011). Essa etapa permitiu fundamentar teoricamente a análise, situando o etarismo como dispositivo de poder e como prática cultural naturalizada dentro da própria comunidade LGBTQIA+.

A análise discursiva, por sua vez, voltou-se para a observação de narrativas presentes em aplicativos de relacionamento (tais como Grindr, Scruff e Tinder), em veículos midiáticos especializados em público LGBTQIA+ e em produções audiovisuais que tematizam a vida de homens gays. O objetivo não foi quantificar ocorrências, mas identificar padrões de linguagem e de sentido que revelassem como a idade é mobilizada como critério de valorização ou exclusão. Expressões como “apenas jovens”, “sem idosos” ou “procuro daddy”, recorrentes nesses espaços, foram tomadas como indicadores de práticas discursivas que sustentam hierarquias geracionais.

O corpus empírico analisado foi selecionado a partir da pertinência ao tema, buscando exemplos que evidenciassem a presença explícita ou implícita de marcadores etários. Os dados foram tratados de forma interpretativa, considerando não apenas o conteúdo literal das mensagens, mas também os contextos sociais e culturais em que são produzidas. Tal perspectiva está em consonância com Bardin (2016, p. 44), que observa:

A análise de conteúdo não se restringe à enumeração de palavras ou expressões, mas procura ultrapassar o material manifesto, propondo inferências que deem conta da complexidade das comunicações humanas. Trata-se de um processo que exige rigor metodológico, mas também sensibilidade para captar os sentidos subjacentes às falas e aos textos.

Assim, a metodologia adotada combina rigor e abertura interpretativa, permitindo compreender o etarismo não apenas como preconceito individual, mas como um fenômeno coletivo, atravessado por discursos, símbolos e práticas de poder. O caminho metodológico delineado é, portanto, coerente com o objetivo de analisar criticamente como as categorias *twink* e *daddy* estruturam hierarquias geracionais dentro das subculturas gays e de que modo essas hierarquias impactam as experiências e identidades dos sujeitos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados evidencia que o etarismo no universo gay não é um fenômeno isolado, mas sim um dispositivo social que atravessa as formas de interação, desejo e pertencimento comunitário. Os discursos coletados em aplicativos de relacionamento e em mídias digitais revelam um padrão recorrente de valorização da juventude como capital erótico privilegiado, ao mesmo tempo em que produzem a invisibilidade dos corpos envelhecidos. A exclusão se manifesta tanto em mensagens explícitas — “sem



idosos”, “jovens apenas” — quanto em enunciados implícitos que naturalizam a associação entre juventude e desejabilidade.

Essa constatação dialoga com as reflexões de Butler (2003), para quem as identidades sexuais e de gênero são constantemente reguladas por normas sociais reiteradas. O mesmo ocorre com as identidades etárias, que passam a ser performadas como se houvesse uma obrigação de permanecer jovem para ser reconhecido como desejável. Tal lógica instaura uma pressão permanente sobre sujeitos gays, que sentem necessidade de controlar o corpo, apagar sinais de envelhecimento e adequar-se a padrões excludentes.

Miskolci (2017) oferece uma chave importante para compreender esse processo ao analisar o impacto dos aplicativos de relacionamento na construção dos mercados de desejo. Em sua obra, afirma que:

Os aplicativos de encontros transformam as interações sexuais e afetivas em um mercado em que a juventude, a masculinidade e a branquitude funcionam como moedas de prestígio, enquanto outras identidades são marginalizadas. Nesses espaços, o que aparece como ‘preferência pessoal’ é, em verdade, um efeito de normas sociais mais amplas que definem quem merece visibilidade e quem permanece invisível (Miskolci, 2017, p. 112).

A partir dessa leitura, os resultados indicam que o etarismo não pode ser reduzido à esfera do gosto individual, mas deve ser compreendido como prática cultural que organiza o desejo de modo hierárquico. Essa organização, longe de ser neutra, reproduz desigualdades sociais já presentes em outros campos: juventude associada à vitalidade, à beleza e à potência; velhice associada à decadência, ao excesso ou ao estigma.

Contudo, a análise também revela que, em determinados contextos, a maturidade é resignificada positivamente através da categoria *daddy*, que confere aos homens mais velhos um lugar de prestígio dentro de subculturas específicas. Esse reconhecimento, no entanto, não se dá de forma ampla, pois permanece atrelado a estereótipos de virilidade, poder econômico ou autoridade. Em outras palavras, o corpo maduro só é valorizado quando corresponde a expectativas de dominação ou de masculinidade hegemônica, reforçando a exclusão de sujeitos que não se enquadram nesses moldes.

Esse movimento de fetichização da maturidade, portanto, não rompe com o etarismo, mas o reinscreve em novas formas de diferenciação. Preciado (2011) ajuda a compreender esse mecanismo ao afirmar que os corpos, no capitalismo contemporâneo, são constantemente moldados por tecnologias culturais que os transformam em objetos de consumo. Nesse sentido, a idade torna-se um marcador que pode ser mercantilizado: ora como limite indesejável, ora como diferencial erótico, dependendo da forma como é codificada no mercado sexual.

A análise dos discursos também aponta impactos subjetivos relevantes. Muitos homens gays mais velhos relatam sentimentos de invisibilidade e de solidão, frequentemente agravados pela ausência de redes de apoio afetivo e comunitário. Esse aspecto dialoga com a crítica de Louro (2018), ao enfatizar que a



exclusão não é apenas material, mas também simbólica, pois retira dos sujeitos a possibilidade de se reconhecerem em narrativas coletivas. Como a autora destaca:

A marginalização das identidades dissidentes ocorre tanto pela ausência de representações quanto pela produção de imagens estereotipadas que reduzem a complexidade das experiências humanas. O silêncio imposto a determinados corpos é, em si mesmo, uma forma de violência simbólica, que mina possibilidades de pertencimento e de reconhecimento (Louro, 2018, p. 53).

Em contrapartida, observa-se a emergência de iniciativas de resistência, como coletivos de homens gays 40+, grupos de convivência e espaços de sociabilidade intergeracional. Esses movimentos buscam não apenas criar redes de apoio, mas também reconfigurar o valor do envelhecimento como experiência legítima e potência política. A valorização da memória coletiva e da trajetória histórica de sujeitos mais velhos constitui-se, nesse cenário, como contraponto ao modelo que associa juventude a prestígio e maturidade a invisibilidade.

A discussão dos resultados, portanto, revela que o etarismo nas subculturas gays é ambíguo: opera como mecanismo de exclusão, mas também abre espaços de reconfiguração identitária e de resistência. Essa ambivalência evidencia que a luta contra o etarismo não se limita à crítica da exclusão, mas exige a construção de novas formas de sociabilidade capazes de valorizar a pluralidade etária como elemento constitutivo da diversidade LGBTQIA+.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu compreender que o etarismo constitui um fenômeno estruturante nas subculturas gays, operando como mecanismo de diferenciação que organiza o desejo, define hierarquias e condiciona formas de pertencimento comunitário. Partindo do objetivo de analisar como categorias estéticas e geracionais, como *twink* e *daddy*, produzem visibilidade ou invisibilidade, os resultados revelaram que tais classificações, embora funcionem como referências identitárias, reforçam estereótipos que restringem a pluralidade das experiências afetivas e sexuais.

A análise demonstrou que a juventude é socialmente construída como valor central, convertendo-se em capital erótico que legitima determinados corpos em detrimento de outros. Ao mesmo tempo, a maturidade, embora em alguns contextos resignificada de forma positiva, permanece condicionada a padrões de masculinidade hegemônica e poder econômico, o que limita seu reconhecimento como expressão legítima da diversidade etária. O estudo evidenciou, ainda, que esses mecanismos impactam diretamente a autoestima e a saúde mental de homens gays, gerando sentimentos de solidão e invisibilidade, mas também provocando reações de resistência e organização coletiva.



Assim, os resultados confirmam a hipótese inicial de que o etarismo no mundo gay não pode ser interpretado apenas como preferência individual ou questão estética, mas como dispositivo cultural e político que atravessa discursos, práticas e relações sociais. O enfrentamento desse fenômeno exige uma revisão crítica dos padrões normativos que sustentam as hierarquias etárias, bem como a promoção de espaços que valorizem a pluralidade e a dignidade do envelhecimento.

A contribuição central deste estudo consiste em oferecer uma reflexão que desloca o debate sobre diversidade para além da luta contra a homofobia externa, evidenciando que também no interior da comunidade LGBTQIA+ persistem mecanismos de exclusão que precisam ser enfrentados. Nesse sentido, o artigo aponta para a necessidade de uma militância intergeracional que valorize as trajetórias dos sujeitos mais velhos como parte fundamental da memória e da resistência coletiva.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem o estudo do etarismo em diálogo com outros marcadores sociais da diferença, como raça, classe, deficiência e performance de gênero, de modo a ampliar a compreensão das múltiplas formas de exclusão que atravessam a experiência gay contemporânea. Também se faz pertinente investigar práticas de resistência comunitária que, ao reconhecer o envelhecimento como potência, possam inspirar novas formas de sociabilidade, desejo e cuidado no interior da própria comunidade.



REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2011.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 2008.